

O Libertário

LUTAMOS CONTRA
TÓDAS AS FORMAS DE
TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO
E DE OBSCURANTISMO — E EM PROL DE
LIBERDADE E BEM-ESTAR
PARA TODOS.

Agitações estudantis focalizam o problema do ensino

Instrução e Cultura Tornados Privilégio dos Ricos e Instrumento de Exploração

EDGARD LEUENROTH

O problema do ensino tornou-se um dos mais discutidos nos conturbados dias que estamos vivendo.

Deixando de ser assunto de tertúlias entre especialistas da matéria e de pronunciamentos solenes de cate-dráticos, passou a preocupar os demais setores da população e, principalmente, o elemento estudantil, provocando agitações com paralização das atividades escolares.

Isso era de esperar, visto como a situação do ensino assumiu características verdadeiramente impressionantes.

A maior parte da população brasileira é analfabeta. É uma vergonha que não pode ser escondida. Constatam-na os que se dedicam ao ensino, proclamam-na as estatísticas. O analfabetismo é uma das grandes pragas da situação político-social dominante.

Se o povo brasileiro, numa grande porcentagem, está privado de instrução, não é, certamente, porque não queira aprender. É analfabeto porque não lhe dão escolas e porque o impossibilitam de frequentar as que existem em proporção mesquinha em relação à população do país. Nos grandes centros, permanece uma enorme população infantil à espera de vagas nos grupos escolares. Na zona rural e pelos sertões afora as escolas são coisa rara.

Com a vida de penúria que levam, o roceiro e o sertanejo, não é de estranhar que seja a instrução do que eles menos possam cuidar. Trabalhando de sol a sol, vivendo sem o mínimo conforto, mal alimentado e de saúde precária, como pode a gente do "hinterland" brasileiro frequentar escolas, que, quando existem, ficam a enormes distâncias? Depois, o pobre precisa trabalhar desde criança. Nas cidades industriais, deve trocar a escola pela fábrica quase sempre sem completar o curso primário.

E se assim é com referência à instrução primária, pode-se facilmente imaginar o que acontece quanto aos cursos secundário e superior. Não têm conta os sacrifícios a que se deve sujeitar a juventude trabalhadora para conseguir fazer um curso ginasial, comercial ou técnico-profissional.

O ensino está hoje inteiramente comercializado. É um meio de exploração, de conseguir fortunas como qualquer outro. Mensalidades altíssimas, pesadas taxas, livros e material escolar caríssimos impossibilitam de estudar a maioria da juventude que vive do seu trabalho.

A instrução é, portanto, privilégio dos ricos. Somente os filhos dos capitalistas podem estudar.

Mas isso é uma injustiça e, como tal, precisa, deve acabar. Como se pode admitir que sejam exatamente os

elementos produtores de todos os meios de vida aqueles que têm de ficar privados da possibilidade de se instruírem?

Ataque-se, pois, o mal de frente com o fim de libertar o ensino da praga burocrática, que entrava o seu desenvolvimento; da intervenção religiosa, que desvia a escola de sua finalidade precípua, alimentando discórdias; da intromissão político-partidária, que alimenta o regime do favoritismo, e, ainda, dos elementos que fizeram do ensino um meio de torpe exploração.

Liberta a escola dos elementos perturbadores de seu normal funcionamento, deverá ser confiada aos cuidados daqueles que lhe dedicam a sua atividade, entregando-se, portanto, ao professorado a orientação, organização e administração do ensino em tudo quanto a ele se referir, de maneira que possa ser proporcionada a todos os brasileiros a possibilidade de estudar.

Feito isso, que se ponha imediatamente mãos à obra com o fim de corrigir o que estiver errado e fazer tudo quanto seja necessário para o ensino ser posto à altura das necessidades da cultura brasileira, executando-se as medidas como estas: Facultar-se ao professorado um teor de vida compatível com sua alta missão social, respeitando-lhe a liberdade de cátedra e de pesquisa; associar diretamente os estudantes no estudo e compensação do ensino; tornar gratuito para os trabalhadores o ensino em todas as suas modalidades e graus; dar assistência aos estudantes necessitados e alimentação aos filhos dos trabalhadores nas escolas primárias; fundar escolas onde quer que elas faltem, principalmente no interior do país, contando, para isso, com a contribuição obrigatória dos industriais e comerciantes, nas grandes cidades, e dos grandes proprietários agrícolas, nos meios rurais.

E que não se venha com a alegação de que não há verbas para um empreendimento desse vulto. Muitas são as fontes onde abundante verba poderá ser conseguida para criar escolas aos milhares. Requistem-se, antes de mais nada, os prédios mal ocupados ou ocupados por entidades parasitárias e inúteis; destinem-se ao ensino as verbas que dos cofres públicos saem para organizações de atividades supérfluas, para a gasolina gasta nos carros da parasitagem burocrática e para o suborno a vefeuolos de divulgação. Há, ainda, uma outra fonte mais rendosa: os bens confiscados aos homens públicos cujas fortunas

tenham sido acumuladas no exercício de cargos governamentais e administrativos e aos tubarões do câmbio-negro que estão enriquecendo à custa do sacrifício do povo.

Entretanto, como nos demais, também este problema somente poderá ser resolvido pela ação direta dos interessados, pois a engrenagem burocrática do Estado é manobrada pelos privilegiados e lobo não come lobo. Só a ação do elemento estudantil, com a cooperação dos trabalhadores, só a atividade das organizações populares e as associações dos pais dos alunos conseguirá tornar efetivo o direito do povo poder cuidar de sua instrução.

O Anarquismo Através da Imprensa

No "O Cruzeiro", a notável escritora brasileira Rachel de Queiroz, em sua apreciadíssima "Última Página", escreve sobre política:

"Foi no tempo em que se fazia propaganda para as primeiras eleições após a Ditadura. Andava todo o mundo numa agitação desesperada, Brigadeiro, Dutra, Getúlio ("já ganhou" ele voltará"), aquela agonia; mas no jornalzinho anarquista do Professor José Otiteira, a "Ação Direta", saía uns dísticos em negro enchendo meia página: "NÃO VOTE EM NINGUÉM! TODO GOVERNO É OPRESSOR!"

Hoje, quase dá vontade de dizer isso. Não propriamente que todo governo seja opressor. Eles até oprimem pouco. Mas todo governo é decepção e amargura. Você pode escolher, escolher, — no fim tenha desde já a certeza de que não vai dar certo. Ando pensando — será que governar é mesmo uma tarefa impossível? Será que o encargo de dirigir uma grande nação moderna é peso excessivo para os ombros de um homem de carne como nós?

Os dísticos que apareceram em "Ação Direta", pregada nas ruas centrais do Rio de Janeiro, provocou as mais diversas reações: "Tribuna Popular" o órgão bolchevista na época, afirmou que estávamos derrubando a frágil democracia recém-nata; os fascistas verdes ameaçaram-nos com agressões físicas; os democratas se dividiram entre o espanto e a aprovação, porém, as frases furaram a "mioleira" de muita gente.

Diz Rachel de Queiroz que "eles (governos) até oprimem pouco", o que evidentemente não é certo. Quando se fala em opressão temos que considerar a econômica (falta de feijão, arroz, açúcar. Há inflação desenfreada, pela qual a burguesia tenta efetuar a industrialização do País e que pulveriza os salários da classe proletária); quando se fala em opressão não podemos esquecer a moral (aparece um filme brasileiro com pretensões a "nouvelle vague" e já a censura lhe cai em cima com unhas e dentes). É bem verdade que já podemos espirrar sem pedir permissão ao DIP, porém opressão tem múltiplos aspectos política, religião etc.). Quanto à frase de "Ação Direta" continua válida, bem atual e a solução de problemas sociais por governos, é impossível.

"Só a não-violência revolucionária pode impedir o suicídio coletivo da humanidade. Poderéis tratar-nos de utopistas, a utopia é o nome que se costuma dar às idéias que amanhã serão realidades da vida. Poderéis dizer-me que estou errado. Pois bem, assim mesmo, eu prefiro me enganar nesta utopia, sem assassinar ninguém, que ter razão em meio de cemitérios e de ruínas".

JEAN VON LIERDE
"War Resistance"



A grotesca aliança dos sanguinários histriões que tiranizam os povos da Ibéria.

Fôrças Ocultas...

Quindo um programa de televisão, em que falava em substituição ao sr. Janio Quadros um de seus acessórios e principais propagandistas de sua candidatura à governança do Estado, por sinal, grande orador e de assombrosa facilidade de palavra, ouvimos também alusão às fôrças ocultas que estão embaraçando a vida política do País, que agora se tornou um "slogan" generalizado por todas as correntes e com o qual o sr. Janio Quadros pretendeu explicar as razões do seu gesto de renúncia.

Referem-se, os partidários do ex-presidente, com insistência e com uma vontade de persuadir extraordinária, constantemente a essas fôrças ocultas, resumindo-as em um pequeno grupo de homens do poder econômico que, de posse dos pontos-chave da administração, não deixam o Brasil caminhar. Derrubaram o sr. Janio Quadros, impediram a formação do gabinete do sr. San Thiago Dantas, e estão impedindo as possibilidades de o sr. Brochado da Rocha organizar o seu gabinete de ministros. Estabeleceram, assim, o regime de renúncias que se vêm sucedendo, na atual conjuntura política do Brasil.

SOUZA PASSOS

Mas o que são essas fôrças ocultas? Em que consistem elas? Quais os homens que fazem parte dessa terrível e poderosa mafia que traz a vida de todos sobressaltada e o Brasil aos solavancos? Ninguém o diz. Ninguém revela os nomes desse pequeno grupo de homens que não estão na Câmara, não estão no Senado, não estão nas Fôrças Armadas, não estão nos partidos, não estão em parte alguma! Todos se calam e consentem que o Brasil ande amarrado de mãos e pés às algemas de uma frase — as fôrças ocultas...

Todos as temem, todos as sentem, todos constatarem que existem e nem o Presidente da República, nem o Exército, nem a Polícia sabem quem são, ou, se o sabem, não o dizem. Porque? Porque não se desmascaram esses inimigos do povo e do Brasil? Porque se permite que um pequeno grupo de homens poderosos embora, jogue assim com os destinos de um povo que tem todas as qualidades para vencer e que vive em um país rico de tudo, mas passando fome e sofrendo as consequências de uma política convulsiva que está levando o Brasil à ruína e ao desespero?

Algo existe, sem dúvida, porque lhe sentimos os efeitos: os salários aumentaram em dez anos, 580%, enquanto que o custo de vida aumentou, no mesmo período, 1.200%. Em um país onde tudo dá, até mesmo os produtos de regiões diversas da climatologia brasileira, temos falta de tudo. Importante feijão, arroz, cebolas, tri-

go, carnes, batatas, quando tudo, isso poderia ser exportado em quantidades assombrosas. A cebola produzida nos desertos do Egipto chega aqui muito mais barata do que a que aqui produzimos. A batata holandesa, idem. As carnes argentinas, congeladas, ou simplesmente resfriadas, também são fornecidas a preços inferiores. De nada adiantou criar a Petrobrás, a Eletrobrás, porque o petróleo é nosso, os produtos elétricos e a energia elétrica são nossas, mas a que preço e em que condições? Compramos tudo, o que é nosso, a preços que não podemos pagar. Incapacidade administrativa? Incapacidade na produção? Incapacidade política? Mas os nossos homens vão lá fora e fazem sucesso. Vão às conferências in-

(Conclui na 2.a pág.)

CURSO DE ESPERANTO

O Centro de Cultura Social fará realizar um curso de Esperanto em sua sede, às terças e quintas-feiras, a iniciar-se no dia 16 do corrente, e com a duração de 5 meses.

Esse curso está a cargo do professor Moyses Garcia, que já tem realizado conferências sobre o mesmo tema do Centro de Cultura Social.

As inscrições poderão ser feitas no local, das 20,30 às 21,30. Rua Rubino de Oliveira, 85 — São Paulo.

Aos que recebem "O Libertário"

Este é um jornal de finalidade idealista. Apenas para isso surgiu ele na arena da imprensa — para a difusão, esclarecimento e defesa de um ideal — o Anarquismo, batendo-se, por conseguinte, contra todas as formas de tirania, de explorações e de obscurantismo, e em prol de uma transformação social tendo como base o bem-estar e liberdade para todos.

Por isso, "O Libertário" não objetiva interesse de renda, de lucro, de compensação econômica.

É dentro dessa orientação que o jornal é feito, na base do livre acordo, sem intuito de ganho, sendo todos os trabalhos executados graciosamente, como uma contribuição ao jornal.

O mesmo critério é obedecido em sua divulgação, pois é expedido na medida de nossa tiragem — às pessoas que conhecemos ou nos são indicadas como estudiosas dos problemas sociais.

É a essas pessoas, especialmente, que esta nota é destinada, dirigindo-lhes um apelo, que se resume no pedido de um seu pronunciamento sobre o jornal.

Que nos digam com toda a franqueza o que pensam sobre "O Libertário" — seu feição jornalístico, a matéria publicada e sobretudo, as idéias que procura difundir.

Mesmo discordando inteiramente, transmitam-nos o seu pronunciamento, que será considerado como valiosa cooperação.

Outra solicitação: se desejam continuar recebendo o jornal, mesmo independentemente de pagamento. Quem tiver possibilidade e quiser, que envie a sua contribuição, qualquer que seja. É essa a única fonte de renda do jornal.

Para a continuação da remessa do jornal basta devolver-nos o coupon enviado com o jornal.

Se não desejarem continuar a recebê-lo farão, o obsequio de devolvê-lo. Também será uma contribuição, que antecipadamente agradecemos.

PROUDHON E MARX

De LIBERTO L. REIS

II

As idéias de Proudhon não influíram em Marx apenas no domínio do conhecimento econômico mas, também, nas suas idéias e escritos políticos, como provam os seguintes pensamentos, exarados num artigo publicado no n.º 63, de 7 de agosto de 1841, no "Vorwaerts", periódico que circulou na capital da França nos anos de 1844 e 45 sob a direção de Henrique Berstein. O artigo intitula-se "Anotações Críticas ao Artigo "O Rei da Prússia e a Reforma Social", em que Marx estuda a natureza do Estado, afirmando apenas isto: "O Estado é incapaz de suprimir a miséria social e acabar com o pauperismo. E, quando se ocupa desses problemas e resolve fazer alguma coisa, não dispõe de outros recursos senão a beneficência pública e as medidas de caráter administrativo. Frequentemente nem isso faz. Nenhum Estado pode proceder de outra forma porque, para suprimir a miséria, deveria começar por suprimir-se, pois que a causa do mal está na essência, na natureza do Estado e não em uma forma determinada dele, como supõem muitos radicais e revolucionários que aspiram modificar a estrutura estatal por outra melhor". E mais adiante: "Além disso, todos os Estados procuram a causa da miséria nos defeitos fortuitos ou intencionais da administração e, conseqüentemente, julgam ser possível reduzir o mal mediante reformas administrativas. Mas nenhum Estado tem o poder de encobrir a contradição existente entre a boa vontade da administração e a sua capacidade real, porque se assim fôra teria de anular-se a si mesmo, já que se baseia na contradição que reina entre a vida pública e a vida privada, entre os interesses gerais e os particulares. Por isso a administração se acha limitada por uma função essencialmente formal e negativa, pois onde começa a vida civil termina o poder da administração. O Estado não pode impedir jamais as conseqüências de que brotam logicamente a causa do caráter anti-social da vida civil, a propriedade privada, o comércio, a indústria e a exploração mútua entre os diversos grupos sociais. A baixeza e a servidão da sociedade burguesa constituem o fundamento natural do Estado moderno. A existência

do Estado e a escravidão do homem são inseparáveis".

Como se vê, idéias puramente anarquistas, em perfeita concordância com os conceitos que Proudhon emitiu no seu livro "Que é a Propriedade?".

Por quê, tendo Marx confessado honestamente que o livro de Proudhon era um manifesto científico ("Sagrada Família", "Rheinische Zeitung" e "Vorwaerts"), passou a atacá-lo e difamá-lo depois da publicação do livro "Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria", aparecido em outubro de 1846?

O livro de Marx "Miséria da Filosofia" foi composto no inverno de 1846-47, segundo o prefácio de Engels, sendo publicado pela primeira vez na língua francesa, em Paris, em 1847, no ano seguinte à da edição do trabalho de Proudhon.

Em 5 de maio de 1846, em carta de Marx a Proudhon, escrita desde Bruxelas, onde se refugiara depois de sua expulsão da França, Marx pede a Proudhon que aceite ser correspondente de um "Kommunistisches Korrespondenzkomitee", cujo objetivo era "por os socialistas alemães em contacto com os socialistas franceses e ingleses; manter os estrangeiros a par dos movimentos socialistas que se realizam na Alemanha e informar aos alemães, na Alemanha, sobre o progresso do socialismo na França e na Inglaterra", conforme o texto da carta, que prossegue: "Nossas relações com a Inglaterra já estão estabelecidas; quanto à França, cremos todos que não podemos encontrar melhor correspondente que o senhor; o senhor sabe, os ingleses e os alemães lhe prezaram até o presente muito mais que os seus próprios compatriotas". Marx pede a Proudhon que mantenha o mais absoluto segredo e comunica-lhe que não terá despesa nenhuma se aceitar aquela incumbência. Num *post scriptum* Marx diz: "Denuncio-lhe o senhor Grün em Paris. Esse homem não passa de um cavalheiro-de-indústria literário, uma espécie de charlatão que pretende comerciar com idéias modernas. Trata de ocultar sua ignorância sob frases pomposas e arrogantes, mas nada mais consegue que se pôr em ridículo por meio de seu palavreiro. Além disso é um homem perigoso. Abusa do conhecimento que estabeleceu com autores de renome, graças à sua impetuosidade, para fazer construir, com isso, um pedestal e comprometé-los ante o povo alemão. Em seu livro sobre os socialistas franceses atreve-se a chamar-se "privat dozent" de Proudhon, e pretende ter-lhe revelado axiomas importantes da ciência alemã e critica seus escritos. Cuide-se, pois, deste parasita; talvez volte a escrever-lhe mais tarde sobre este indivíduo. Marx". A carta é encerrada com duas notas de cumprimentos de Felipe Gigot e Engels, que estavam com Marx em Bruxelas.

Como se vê, até esta data Marx nada manifestava contra Proudhon, demonstrando, pelo contrário, o seu apreço e confiança.

EXCURSÃO DO GREMIO JUVENIL

Com o intuito de alimentar relações com os elementos do Rio de Janeiro, o Gremio Juvenil do Centro de Cultura Social, de São Paulo, promoveu uma excursão de elementos seus àquela cidade da Guanabara.

Realizou-se ela no dia 29 de junho p.p., participando da mesma um núcleo de moços e moças, que foram acolhidos por companheiros all residentes.

Aliando o útil ao agradável, esses jovens participaram de uma reunião do Centro de Estudos Prof. José Otília, na qual tiveram ocasião de ouvir uma proveitosa conferência.

FORÇAS OCULTAS...

(Conclusão da 1.ª pág.)

ternacionais ou inter-americanas e se impõem. O que há de verdade em tudo isso?

A verdade em tudo isso é uma só: falta de solidariedade e falta de vergonha! Não há o desprendimento necessário em nossos homens públicos, desprendimento individual, um pouco menos de ambição e de egoísmo, em benefício, da coletividade. A exploração do homem pelo homem é desenfreada e louca. Não se procura um equilíbrio entre o custo de vida e os salários. O salário pago ao trabalhador brasileiro constitui uma fonte de renda para o patrão. Quando os salários aumentam 50%, o custo de vida aumenta 150%. Essa é a verdade! Isso todo mundo vê, sente e palpável e indiscutível! Enquanto isso o contrabando aplica ao Tesouro prejuízos de bilhões. Em vez de arrecadarem os impostos com justiça e equidade, o subúrbio impõe escancaradamente entre a fiscalização, e aumentam-nos de forma assustadora! As burocracias proliferam e os nossos homens públicos vão para lá beber e recrear-se com bonitas mulheres que não são as suas, à custa dos que trabalham e produzem. Nas repartições públicas predomina a irresponsabilidade e a falta de educação com milhares de funcionários que ali são colocados por interesses políticos não se atendendo à competência nem ao preparo funcional em detrimento dos que desejam trabalhar e em sua própria desvantagem.

gem. Os concursos são exigidos apenas pró forma, pura tapeação, para atender a dispositivos constitucionais.

Mesmo dentro das normas da sociedade capitalista, o Brasil poderia ser um país privilegiado, por que possui um clima ameno adequado à produção agrícola de tudo o que necessitamos. Um país de valentes que produzem em condições as mais absurdas. O caboclo do nordeste é uma demonstração da nossa eficiência em matéria de trabalho; o homem do litoral, abandonado à sua própria vida, resiste a tudo; o vaqueiro dos pampas sulinos leva a vida a cantar e a beber chimarrão, tangendo rebanhos de gado nas imensas fazendas de pastagem; e o elemento das cidades, formado pelas correntes imigratórias de Portugal, Itália, Síria, Espanha, Japão, etc. e outros que para aqui vieram com o propósito de trabalhar e progredir, fugindo às dificuldades de produção na pátria de origem querem trabalhar em paz e se portam como verdadeiros trabalhadores aos quais acenaram com o paraíso brasileiro.

Por que não dar a essa gente as possibilidades de fazer um Brasil grande em todos os sentidos? Por que não se procura solucionar os problemas do Nordeste, para que aquela gente possa viver como filhos de um povo que tudo tem de sobra, mas que tudo lhe falta por causa das maldinadas forças ocultas, que realmente é o capitalismo.

O Pensamento Vivo de Miguel Bakunine

Por TAVARES AGRATA

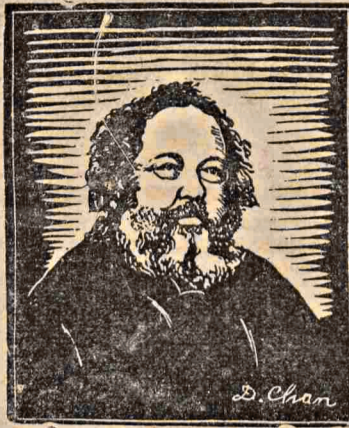
A atualidade dos escritos de Miguel Bakunine vêm se evidenciando à medida em que se comprova prática e cientificamente a falácia da grande maioria das teses marxistas e na proporção crescente da desilusão do experimento russo de atingir a construção do socialismo através do totalitarismo e da ditadura sobre o proletariado.

Atentos a este processo de decomposição, indispensável se torna que comecemos a divulgar as idéias desse extraordinário pensador russo que foi Miguel Bakunine, hoje tão atual e desconhecido dentro da própria corrente Libertária.

Ao que nos consta nenhuma obra sua foi traduzida no Brasil e talvez pouquíssimas no idioma português, o que é lacuna verdadeiramente imperdoável. Indispensável se tornaria que a Editora Mundo Livre, recentemente fundada, fizesse um plano concreto para edição de suas obras, mas enquanto isto não acontece, vamos iniciar com o presente trabalho a divulgação de seu pensamento vivo.

Vejam inicialmente os seguintes pensamentos escritos, notem bem, no século XIX e que se encaixam às mil maravilhas na presente situação da Rússia Bolchevista e especialmente da pseudo Revolução Cubana:

1. "A liberdade sem o socialismo é o privilégio, a injustiça; e o socialismo sem a liberdade é a escravidão e a brutalidade". (Bakunine, Obras Completas, tomo 111, pág. 85 - 1867)
2. "Nenhuma ditadura pode ter outro objeto que não seja a sua própria perpetuação, e só é capaz de engendrar e desenvolver no povo que suporta a escravidão". (Bakunine, Obras Completas, tomo V, pág. 289 - 1873).
3. "Uma revolução imposta, quer por decretos oficiais, quer a mão armada, não é uma revolução já que, necessariamente provoca a reação". (Bakunine, Obras Completas, tomo 1, - 1870)
4. "Reconheço, todavia, que uma



D. Char

certa disciplina não automática, mas voluntária, refletida e conciliando se com a liberdade individual, será sempre necessária, todas as vezes que muitos indivíduos, unidos livremente, enchem um trabalho ou uma ação coletiva de qualquer espécie. Esta disciplina não é senão o acordo voluntário e meditado de todos os esforços individuais para um fim comum. No momento da ação, no meio da luta, os papéis se dividem mutuamente, de acordo com as aptidões de cada um, apreciadas e julgadas pela coletividade; uns dirigem e comandam, outros executam as ordens. Porém, nenhuma função se petrifica, nem se fixa a qualquer pessoa. A ordem e a preparação hierarquizada não existem, de sorte que o comandante de ontem pode tornar-se o ordenança de hoje. Nenhum se eleva acima dos outros, ou se o consegue ser apenas para recair instantes após, como as vagas marinhas, retornando sempre ao nível salutar da igualdade.

Neste sistema, não há poder propriamente dito. O poder se funda na coletividade e ele se torna expressão sincera da liberdade de cada qual, a realização fiel e sincera da vontade de todos" (Bakunine, Obras Completas, tomo 1, - 1870)

No que tange aos problemas da liberdade e da lei a sua posição é expressa de maneira clara e definitiva na seguinte passagem:

5. "O que é a liberdade? O que é a escravidão? A liberdade do homem consistiria na revolta contra todas as leis? NÃO, em tanto que essas leis sejam leis naturais, econômicas e sociais, leis não autoritariamente im-

postas, mas inerentes às coisas, às relações, às situações nas quais elas experimentam o desenvolvimento natural. SIM, em tanto que sejam leis políticas e jurídicas impostas por homens aos homens, quer pelo direito da força, violentamente; quer hipocritamente, em nome da religião ou de uma doutrina metafísica qualquer". (Bakunine, Obras Completas, tomo 1, - 1870)

Tornaram-se célebres e proféticas as críticas que Miguel Bakunine fez a Carlos Marx a propósito da tese da "ditadura de proletariado", críticas de uma profundidade pasmosa e que a realidade dos fatos vieram comprovar na totalidade. Por ser assunto de enorme atualidade e que requer espaço examinaremos em próximo artigo.

FESTIVAL DE "O LIBERTÁRIO"

Conforme anunciamos em nosso número anterior, realizou-se o festival campestre dedicado a "O Libertário", marcado para o dia 15 de julho p.p.

Foi uma bellissima festividade, em que muita gente moça ocorreu para testemunhar a sua simpatia pelo nosso jornal e gozar as delícias de um dia maravilhoso em contacto com a Natureza.

O pequeno bosque encheu-se de famílias em um piquenique agradável, predominando os jovens de ambos os sexos, que encheram, alegres, o ambiente de mocidade e graça. Muitas crianças também se divertiam nos balanços; e na quadra de Bola ao Cesto, iniciando os números programados, grupos de jovens competiam, em provas desportivas, aos prêmios oferecidos.

Foi realizado um ato variado no palco do salão, animado pelo companheiro Pedro Catalo, constando de recitativos, canto e vários números de música ao violão, em que tomaram parte diversos elementos, filhos e filhas de companheiros que se achavam presentes. Em seguida teve lugar animadíssimo baile.

Muitos carros estacionados nas imediações davam ao ambiente um aspecto de vida fora de comum.

Como sempre acontece em nossas festas, não houve consumo de bebidas alcoólicas, sendo servido café e biscoitos à vontade. Foi um belo exemplo de animação, de galhardia e solidariedade a "O Libertário".

PROBLEMAS DOUTRINÁRIOS

SOBRE O ESTADO

A. E. LYZENKO

De conformidade com pronunciamentos de personalidades de alta relevância do pensamento acratá mundial, podemos definir o Estado como uma instituição que apresenta uma multiplicidade de aspectos e uma unidade de fins.

Inicialmente, deixamos definido o Estado como a síntese de todos os poderes. De fato, estas duas definições não se anulam, identificam-se; pois, observando bem, eles têm um caráter universal. Toda entidade, no fundo, é uma síntese e, como tal, está sujeita a uma análise que a desintegrará nos seus componentes. A recíproca também é verdadeira. Toda entidade apresenta uma multiplicidade de aspectos e uma unidade de fins.

A multiplicidade de aspectos do Estado será conhecida, se fizermos uma análise de seus elementos componentes. O livro "A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos", de autoria do fenecido companheiro e professor José Otília, nos ensina que o Estado manifesta analiticamente seus poderes dos seguintes aspectos: Militar, Religioso, Jurídico, Político, Financeiro, Pedagógico, Econômico.

Embora o professor Otília não fizesse menção, parece-me que o Estado apresenta também um aspecto Ético e Estético.

De acordo com a definição preliminar de análise, vamos procurar saber cada vez mais de cada uma das menores partes do Estado. E individualizando o aspecto Econômico do Estado, tornando-o uma entidade, vamos analisá-lo minuciosamente, procurando sondar-lhe a intimidade última.

Assim sendo, poderíamos dividir o aspecto Econômico, inicialmente, nas seguintes partes ou seções, já que o homem é a medida de todas as grandezas: o Homem, a Terra, o Trabalho, os Meios de Produção, os Meios de Comunicação, a Produção, o Consumo, a Arquitetura, a Pecuária, a Indústria, o Comércio, a Estatística Previsional.

Semelhança critério devemos empregar para os demais aspectos estatais, a fim de compreender-lhes melhor sua intimidade, chegando analiticamente às suas minúcias. Sem dúvida, este é um trabalho muito útil, gigantesco

e difícil, mas não impossível. Quando viermos a considerar praticamente o aspecto econômico da Anarquia, temos que ponderar com minúcia estes doze itens, acima citados, rigorosamente debaixo do critério comunista-anarquista. Nunca poderíamos omiti-los, mas sim encará-los e orientá-los sobre um critério anarco-social. Porisso, repito aqui, penso que o problema não é destruir; o problema é substituir. A única destruição que, no caso, adotamos e esta terá que ser completa e total, é a destruição dos alicerces anímicos da sociedade capitalista; nisso, se resume todo o segredo do nosso sucesso, e esta vitória só poderá ser conseguida dentro de um critério pedagógico ferrenho.

Procurando fazer de modo leve a análise e a síntese do Estado, conseqüentemente chegaremos, por contração, à análise e síntese ácratas. E, ainda aqui, entra o conceito da lógica paradoxal, isto é, só podemos ter a noção do bem, que nos causam, comparando-o com o mal que nos causaram. As noções do bem e do mal estão intimamente ligadas, mas não nos é possível estabelecer uma linha ideal divisória entre uma e outra. Em parte, o mesmo se passa com o Estado (o mal) e a Anarquia (o bem); são dois extremos de uma linha social imaginária entre os quais vagueia o gênero humano.

Hoje vejo quanto foram grandes as civilizações gregas que precederam o advento do Império Romano! Os gregos foram os criadores da ética, da lógica, da moral, da estética e de tudo aquilo que engrandeceu e engrandece o espírito humano. Desgraçadamente, o nefando cristianismo — Filosofia de escravos — destruiu a beleza helenica na mente do homem! O veneno cristão ainda continua a fazer vítimas. Até quando? A civilização cristã é uma civilização de bárbaros!...

O Estado, como toda entidade, como toda síntese, tem os seus princípios gerais que, mui naturalmente, são a antítese dos da Anarquia. Exclusivamente nisso, reside a diferença essencial entre ambos. A sua dinâmica será idêntica à de todos os organismos da mesma natureza e seguirá normalmente a direção, indi-

cada pelos seus princípios básicos ou princípios gerais. A dinâmica é uma entidade carente de inteligência e sentimento; portanto, esta dinâmica social que tem milenarmente funcionado a favor do Estado, pode muito bem fazê-lo a favor da Anarquia, desde que a orientemos segundo nossos princípios básicos e, conseqüentemente, segundo as direções que lhe dermos.

Assim sendo, podemos dizer que os princípios básicos ou princípios gerais do Estado são os seguintes: Deísmo, Velicismo, Eclesiasticismo, Autoritarismo, Centralismo, Capitalismo individual ou estatal, Estatismo.

Com um destes princípios gerais é comum à toda estrutura estatal. A síntese destes princípios básicos constitui a entidade moral do Estado. E que moral desumana!... No fundo, todos estes princípios básicos são eulores do poder e negadores do homem, como entidade livre e pensante. Admite-se, como máquina produtora de trabalho e fonte de prazeres alheios. E' por demais vil e cruel esta entidade moral!

O homem foi e continua a ser um escravo, devido à condição de imutabilidade, de inalterabilidade dos princípios básicos de todos os Estados no espaço e no tempo. Tribo, reino, ducado, república, império, democracia, aristocracia, democracia popular, república socialista, no fundo, tudo isso é a mesma coisa. São novas roupagens com as quais o Estado volta a se apresentar.

O tão decantado progresso da atualidade é um mito. Nada mais é que uma certa atenuação exterior nas formas de exploração humana. A exploração ainda existe flagrante e torna-se cada vez mais profunda e perigosa, ameaçando a perenidade do gênero humano na superfície da terra. Os bombardeios atômicos das cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki estão presentes na mente humana, como argumentos irrefutáveis, como exemplos vivos de como a ansia de domínio e exploração humanos pode chegar a mórbidos e desintegradores paraxismos.

Em Preparação Nova Feira Eleitoral

Os políticos profissionais movimentam-se na cavação da sinecura representativa

Vão em plena, em estardalhante euforia os dispendiosíssimos preparativos da feira eleitoral cujo ato final se realizará em outubro vindouro.

É que chega a seu término o mandato daqueles que, no Parlamento e nas Assembleias Legislativas, vivem agarrados às tetas do ubere gordo do erário público e, não querendo perdê-las, andam pelo Brasil afóra, em desabrida atividade, rogando ao povo para que lhe emprestem seus ombros afim de lhes servir de escada pela qual possam voltar à gostosa rendosa das poltrona representativas.

Deixando vazios os recintos do Parlamento e de Assembleias Legislativas — sem prejuizo de seus fartos vencimentos — andam por aí além a proclamar suas grandes virtudes pessoais, O SEU GRANDE AMOR À CAUSA DO POVO — do qual se dizem incondicionais defensores.

E nessa atividade gastam milhões de cruzeiros, cuja soma ultrapassa de muito a totalização dos vencimentos de seus mandatos...

E, intuitivamente, compreende-se por que assim procedem... ET POUR CAUSE...

Está, portanto, naturalmente, indicada qual a atitude dos liberais ante essa feira eleitoral.

Entretanto, queremos deixá-la aqui claramente definida.

Repuiamos a ação eleitoral, não só pela razão teórica de ser o parlamento uma instituição autoritária, parte integrante do regime burguês dominante, incumbida de forjar leis obrigatórias, sempre forjadas de acordo com os privilégios do capitalismo, mas ainda por outros motivos teóricos e práticos, dos quais citamos alguns:

1.º — A assembleia parlamentar é incompetente para decidir sobre qualquer dos assuntos da vida social.

Um congresso de técnicos (médicos, sapateiros, ou engenheiros etc.), discute com conhecimento de causa o que é de seu ofício; num parlamento burguês cada ponto de vista, cada interesse, cada ramo de saber tem sempre para o tratar uma minoria, sendo, no entanto a maioria que decide.

2.º — O seu poder limita-se a formular leis, sendo impotente para as fazer aplicar, quando porventura contrariam os interesses das classes dominantes, dos proprietários, que têm nas suas mãos as autoridades e os próprios favorecidos, seus dependentes por meio dos salários.

3.º — Ambiente burguês e político, dominado pelos interesses capitalistas e financeiros, exerce uma inevitável corrupção sobre os que para lá entram, vindos do seio do povo trabalhador e animados das melhores intenções.

4.º — Dispensa o povo de agir diretamente e entretém as impaciências populares tanto mais eficazmente quando mais atroadores e "revolucionários" forem os discursos ali proferidos.

Quanto à ação eleitoral:

1.º — Trata-se de obter número, e para isso fazem-se apenas vagas afirmações, esconde-se o ideal revolucionário e entra-se em combinações e intrigas.

2.º — A ação eleitoral e parlamentar chama ao socialismo uma nuvem de aventureiros da pequena burguesia, de profissionais da política e do intelectualismo burguês, de advogados etc. que corrompem e desviam o movimento.

Querendo uma profunda reforma de base, verdadeiramente social, em que o povo, expoliado e oprimido, desapropriado do capitalismo e socialize os bens sociais; sabendo que essa renovação não pode ser decretada do alto, que nenhuma classe privilegiada se despoja de bom grado dos seus privilégios, que a emancipação do povo trabalhador há de ser

Clube de Cinema

O Clube de Cinema foi uma iniciativa feliz, realizada pelo Centro de Estudos Prof. José Otíctica, do Rio de Janeiro, nos últimos meses de 1961 e que, agora, entra em fase de concretização definitiva.

A finalidade do Clube é realizar sessões com filmes de autêntico valor cultural e científico, com debates e esclarecimentos no final de cada projeção.

Até a presente data foram exibidos as seguintes películas:

"A Revolução Cubana", "Ajudando os Professores a Entenderem as Crianças", "A Significação do Atômico", "A Teia da Vida", "No Comércio, Origens do Cinema", "Vovó Meses", "Origem do Papel", "No Parque" (filme de mímica com Marcel Marceau), e a produção de Frederico Fellini "Trapaça", e ainda o notável trabalho de Clauzot, "Salário do Médico".

Todas as pessoas interessadas em participar das atividades do Clube de Cinema poderão se dirigir a J. Castro, às quarta-feiras, pelo telefone 52-4437, de 20 às 21 horas, no Rio de Janeiro

Administração de "O Libertário"

Publicamos a seguir mais uma relação de contribuições recebidas e destinadas à cobertura das despesas exigidas para a publicação de "O Libertário", assim como de assinaturas tomadas.

Reiteramos a solicitação para que nos seja comunicado se, porventura, for verificada a falta de registro de alguma contribuição para a dívida conferência.

Publicamos igualmente a relação de despesas feitas, incluindo as correspondentes com a publicação dos números 7, 8 e 9 deste jornal.

Devemos, entretanto, esclarecer que não figuram nesse balancete despesas pagas por companheiros e por eles consideradas como ajuda ao "O Libertário". Também não se incluem despesas feitas com o trabalho de redação, administração e expedição assim como de revisão e colaboração, pois esse trabalho é feito graciosamente por companheiros dedicados à causa da liberdade.

Contribuições p/ "O Libertário"

SÃO PAULO —: João Penteado, 10.000,00; Cri. AL, 5.000,00; Ped. Cat. 3.000,00; Ce. Di. Lo. 2.000,00; Ger. Le., 1.300,00; Fr. Ort. Eur. Pi. Man. Tur., Sal. Ar., Jo. Panz., 1.000,00 cada; Jo. Ro., 705,00; Jai Fl. 700,00; Ant. Pad., 300,00 e mais 200,00; Ant. Mar., 300,00; Fel. G. J. An. Avulso Fr. Ro. Ant. Sal., 200,00 cada; Virg. D. Oc., 200,00 e mais 200,00; Em. Tes., 965,00; Fr. Ro., 160,00; Vic. Al., Ant. Go., Ant. Ra., Ant. Nun., Motta, Rafael. Ant. Sal., Jos. Nav., 1 Comp. nheiro E. S., 100,00 cada; Ant. Cas., Ant. Fr., Ant. Fon., 50,00 cada. Orl. Flo., Arias, Avulso 20,00 cada; H. Sa., 50,00 e mais 20,00. Pau. Can. Fl., 20,00 — Total Cr\$ 32.320,00.

CAMPINAS —: At. Pes., 500,00.

RIO DE JANEIRO —: Per. da Si., 1.000,00; En. Car., 500,00; Ger. Bo. Pe. Gon., Diam., 200,00 cada; Ed. Rod. Man., 100,00 cada. — Total Cr\$ 2.300,00.

DIVERSOS —: Venda de livros, 200,00.

ASSINATURAS —: Assinaturas, 700,00. Total Geral 35.930,00

DESPESAS DIVERSAS

Impressão do N.º 7 18.250,00
Impressão do N.º 8 19.800,00
Impressão do N.º 9 19.800,00
Selos p/ expedição 1.700,00
Despacho para o Rio 160,00
2 Copiadas de auto para Tip. 200,00
Cupões de assinatura 1.700,00
Convites p/ o Piquenique 1.300,00
1 Carimbo 150,00
1 Moldura 200,00
Condução p/ o jornal 110,00
Expedição p/ o Exterior .. 265,00
Fotos Coloridas 1.300,00
Total 64.935,00

CONFRONTO

Contribuições e Diversos 72.785,00
Despesas diversas 63.935,00
SALDO 7.850,00

MESA REDONDA NO CENTRO DE ESTUDOS PROF. JOSE OTICTICA

Foi iniciada no mês de abril próximo passado uma série de mesas redondas nas quais serão tratados os seguintes temas: "O Problema das Favelas", "Conceito Libertário da Reforma Agrária", "Análise do livro de Eric Fromm — "Psicanálise e Religião", "Análise do livro de Rudolf Rocker — "Nacionalismo e Cultura" etc

Já foi realizada uma sessão em que se debateu a obra fundamental de Fromm: "O Cédo e a Liberdade".

BIBLIOTECA DO CENTRO DE ESTUDOS PROF. JOSE OTICTICA

Encontra-se a biblioteca em fase de reorganização, fazendo-se nova catalogação das obras. Dentro em breve será franqueada à consulta de todos os sócios e frequentadores do Centro, bastando para tanto dirigir-se aos bibliotecários Manoel dos Reis e Pedro Gonçalves.

O Anarquismo no Cinema

É o título de um excelente artigo assinado por Carlos Peres e que apareceu na revista SENHOR (abril, n.º 38). Transcrevemos alguns trechos do trabalho:

"Jean-Luc Godard, parisiense de muitos ofícios, lançou, em 16 de março de 1960, um filme de tendências anarquistas, "Acossado" (À bout de souffle).

O cinema francês abrigou, com bons resultados, autores anarquistas. Trouxeram uma contribuição rara para uma cinematografia agitada, "renovadora".

Godard assumiu lugar no cinema anarquista francês em companhia de Buñuel e Jean Vigo. O trio máximo da anarquia é também três pontos altos da cinematografia francesa. Quebraram a regra do jogo, fugindo ao egocentrismo tradicional e acentuando a colaboração do elemento maldito — o fator social...

A origem espanhola de Buñuel sugeriu a prioridade das incursões sociais. No segundo filme, "L'age d'or", a igreja é a principal vítima. Além dos prelados arremessados pela janela, uma figura, evocando Jesus porta-se de forma pouco recomendável com uma donzela incauta. Gaston Modot aplica uns pontapés num cégo que encontra na rua, deixando claro o que o autor pensa da caridade cristã...

Vigo herdou o anarquismo do pai, Eugène Bonaventura de Vigo, que desde cedo passou a figurar nos fichários policiais como anarquista. Trocou o nome para Miguel Almeriyá, desenvolveu sua carreira de revolucionário a par de uma atividade panfletária violenta, acabando por ser assassinado na prisão pela própria polícia. Jean Vigo, ainda criança é levado para um colégio fora de Paris, onde é matriculado sob nome falso para não ser reconhecido. Tudo correu para levar Vigo ao anarquismo. A saúde precária não lhe deixou ser um revolucionário como o pai e limitou a quatro o número de seus filmes.

Em "Zéro de conduite", reaparece um Vigo francamente revoltado com o princípio da autoridade e esclarecedor dos traumas sofridos na infância. A atmosfera da escola é insuportável e as crianças cantam "tous les livres au feu, et le maitre au millieu". Contra a organização social sufocante, de professores monstruosos, Vigo levantou o grito anarquista com tal violência que a censura recusou o visto a "Zéro de conduite", exibido só em poucas sessões de cines-clubes.

Godard retoma a linha anarquista em Michel (Jean Paul Belmond). "À bout de souffle" é um conjunto de surpresas dentro do novo cinema, não só pelo arrôjo da apresentação de um personagem anarquista, mas também pela simplicidade artesanal...

Para o cinema francês, o anarquismo tem sido a janela pela qual é possível ganhar-se a rua e falar uma língua coletiva. Além do fato de ter sido posto nas telas por um Buñuel, um Vigo, e um Godard, foi o cinema clássico, de autores introvertidos e narcisistas, que valorizou a presença anarquista do cinema francês, sem similar em qualquer outra arte.

Como quase tudo mais na França, o anarquismo admite as subdivisões "de direita" e "de esquerda". Nossos três cineastas merecem ser situados. Buñuel, o mais individualista, mais anarquizante da estética do que da sociedade, pode — na sua fase surrealista — ser considerado "de direita". Para Vigo, mais objetivo e coletivista nos problemas sociais de que tratou, cabe o adjetivo "esquerdista". Godard, imprensado entre a gana existencial e desordenada de Michel e os vestígios românticos, denunciadores da crença em valores ideais pré-estabelecidos, o anarquista até certo ponto, faz jus a expressão "de centro" (ou falso anarquista). E o grupo está aumentando. Georges Franjou e Jean Rouch, anarquistas confessos, já fizeram três ou quatro filmes cada um ainda não exibidos no Brasil.

Faltam ainda os ideólogos, talvez um novo Bakunine, quem sabe.

Os Bolchevistas e a Revolução Russa

(Conclusão da últ. pág.)

em outros serviços, posto que o mesmo Kruchev acaba de dizer que só daqui a mais uns 40 anos (perfazendo a soma de 80 e lá vai pedrada...) é que o povo russo terá tudo(?) do que carece. Até lá, Kruchev não existirá mais e portanto, quem vier depois, que feche a porteira...

Quando viajava para Moscou, Pestanha notou que na trazeira do trem atrelaram mais um vagão ao qual e do qual apenas subiam ou desciam quatro soldados que, de baioneta, postavam-se, quando o trem parava, a um passo de distância das plataformas, não permitindo que alguém se aproximasse. Pensou que se tratava de alguma escolta para proteger o trem: mas logo ficaram sabendo, ele e os outros delegados que viajavam juntos, que no referido vagão, um vagão todo especial, viajava Zinoviev, visto que este os convidou a irem almoçar com ele.

Era um vagão de luxo, composto de três compartimentos: sala de recepção, luxuosamente montada, e que também servia para as refeições, escritório ou sala de expediente com um sofá-cama, e cozinha.

"E" uma das confiscações feitas pelo Governo soviético — disse-nos Zinoviev, ao notar que eu olhava com atenção esses detalhes. Na Rússia, nos tempos do czarismo, geralmente os duques, príncipes e grandes proprietários viajavam em vagões de sua propriedade.

Prosseguindo, Zinoviev diz a Pestanha e aos demais convidados que o vagão no qual estavam viajando pertenceu a um grande duque e que agora o Governo o tinha posto à sua disposição, dada a sua condição de atual presidente da Terceira Internacional e membro do Comitê político do Partido Comunista.

Então falou da Rússia e do seu pessoal entusiasmo — é claro! — pela Revolução e do que o Partido tinha realizado e do que ainda pretendia realizar por ela. Finalmente contou as excelências da "ditadura do proletariado", sem a qual a revolução seria impossível em qualquer parte do mundo.

"O comunismo — diz-nos Pestanha —, sobretudo o bolchevizeante, segundo Zinoviev, era o mágico talismã, o sésano, a panacéia que dará ao homem a felicidade. Atravi-me a objetiva que não compreendia que classe de comunismo era o que se havia implantado na Rússia, pois que, segundo eu creio, o comunismo só era possível segundo a fórmula de "a cada um segundo as suas necessidades e

de cada um segundo suas forças" e que, além do mais, eu penso que em um regime comunista, o salário, e muito menos o salário à base de categorias, é inconcebível.

— Que haja trinta e quatro categorias de salários — acrescentei — e que os funcionários do Estado trabalhem seis horas enquanto que, legalmente, nas fábricas o dia é de oito, não me parece um meio de praticar o comunismo".

Já sei que o senhor é anarquista — respondeu sorridente — e que por isso está um pouco impregnado de idéias pequeno-burguesas; porém, logo que entrar em contacto com os nossos meios, compenetrar-se-á da prática do verdadeiro comunismo. Além do mais, não se pode praticar o comunismo em larga escala. E não a favor do indivíduo e sim do Estado. O Estado confisca tudo, apodera-se de tudo e de tudo dispõe a favor da comunidade, que neste caso é o país inteiro".

O diálogo entre Zinoviev e Pestanha prossegue; dada, porém a carência de espaço, ficarei por aqui. É pena, porque, o leitor que não conhece o livro que estou comentando, mais uma vez teria a oportunidade de apreciar amplamente, através das palavras de Zinoviev, o quando os bolchevistas são mestres no sofisma. O comunismo não pode, como tal, praticar-se a favor do indivíduo e sim do Estado. E quem é, no caso, o Estado? Ele, Zinoviev, Lenine e Trotski, sustentados pela engrenagem que para isso criaram. Como indivíduo, ele está gozando um alto cargo, viajando principescamente em um vagão de alto luxo e em uma estrada de ferro ao longo da qual mulheres alquebradas e maltrapilhas fazem reparos com pás e picaretas entre as mãos. E estas mulheres fazem parte da comunidade, dessa comunidade que, segundo Zinoviev, é que estava gozando o fruto das confiscações do Estado. E se Angel Pestanha, defendendo o que entende por comunismo, que seria o comunismo libertário, estava impregnado de idéias pequeno-burguesas, de que idéias estaria, então, impregnado o sr. Zinoviev? De grande-burgueses? Não. De príncipe, posto que viajava principescamente. Ainda é pouco. Então de Faraó? Isso mesmo, de Faraó, posto que viajava regaladamente por sobre uma estrada que estava sendo concertada por escravos do Estado. Dêsse Estado do qual ele era um dos três principais suportes, e que posteriormente o devorou, se não me falha a memória, em um dos expurgos de Stalin.

IMITANDO AS RÁS DA FÁBULA QUE ENTRARAM EM DISPUTA PARA A ESCOLHA DE UM REI — OS POLÍTICOS DE TODOS OS MATIZES, ENVOLVENDO ELEMENTOS DE UMA PSEUDO ESQUERDA E AINDA OS INTITULADOS DIRIGENTES SINDICAIS — AGITARAM O PAÍS DURANTE MAIS DE UMA QUINZENA PARA A ESCOLHA DE UM PRIMEIRO MINISTRO! O PARLAMENTO MANTEVE-SE EM EFERVESCÊNCIA, GREVES E AGITAÇÕES PERTURBARAM A VIDA DA POPULAÇÃO, AS TROPAS FORAM POSTAS DE PRONTIDÃO — GASTANDO-SE COM ISSO MILHÕES ARRANCADOS À MISERIA DO POVO!



Consumem-se milhões em instrumentos de guerra quando há multidões de criaturas na miséria

Os Bolchevistas e a Revolução Russa

O interessante e oportuno (tudo o que no mesmo sentido se publique, sempre oportuno) de Pedro Catalo, publicado no n.º 8 deste órgão, trouxe-me à memória, por associação de idéias, um livro de Angel Pestanha que tem por título: "Setenta dias em Rússia". Catalo começa por referir-se à controvérsia havida, ali por 1924, entre bolchevistas e anarquistas acerca da Revolução russa. Então já se contava com muitas informações fidedignas e uma considerável bibliografia narrando-nos o que se estava passando na Rússia; só os fanáticos, porém, não queriam saber da verdade, sobretudo os que posteriormente, aqui no Brasil, vieram a ser cognominados, por um de seus pastores, de inocentes úteis, que eram como ainda hoje são, a maicria, que, de resto, pouco ou nada sabem de comunismo, socialismo ou coisa que o valha.

OSWALDO SALGUEIRO

Pestanha terminou o seu livro em 1924; foi, porém, em junho de 1920 que ele esteve na Rússia. Na 2.ª edição os respectivos editores nos dizem, aludindo à crítica, nunca antes terem suspeitado que um livro tão objetivo, com uma documentação irrefutável, viesse a ser, como veio, considerado inoportuno. Aliás, diga-se de passagem, houve anarquistas ou tidos como tais (felizmente poucos) que não sabendo bem, evidentemente, a distância que há, por exemplo, entre Marx e Bakunine ou entre Lenine e Makhno, também achavam inoportunos (e até importunos) as discussões desfavoráveis ao que os bolchevistas estavam fazendo na Rússia, depois que tomaram o poder.

Depois de haver entrado na Rússia, através da Estônia, Pestanha, a certa altura, diz-nos:

"No pórtico da entrada principal da estação estão pendurados os re-

tratos de Marx, Lenine e Trotski. Numerosas bandeiras vermelhas flamejam ao vento com a foice e o martelo, emblema da República dos Soviéticos".

E assim, no decorrer da leitura de todo o livro, vemos que havia pano com abundância para pintar os retratos de Marx, Lenine e Trotski (culto da personalidade) e fazer uma infinidade de bandeiras para abarrotar toda a Rússia com esses retratos e essas bandeiras. Entretanto, o povo, não obstante a sua ditadura... vivia esfarrapado.

Agora vejamos este diálogo, pelo que tem de significativo com relação ao regime, estabelecido entre um membro do Soviete local, em Yamburgo, e Pestanha: "— Na Europa — diz Pestanha — disseram-nos que por cá morreram, neste último inverno, muitas pessoas com frio. Mas agora vejo que se trata de uma mentira. Havendo tantos bosques por aqui, não é possível que alguém venha a morrer de frio".

"— Aqui ninguém morreu de frio, porém em Moscou e Petrogrado, sim. Temos sofrido muito frio. Vejam os senhores como eu ainda tenho os dedos. Vêem estes sinais? — E mostrou-nos umas marcas como as que se fazem nos casos de queimaduras ou de lesões. — São chagas que se formaram em consequência do frio".

"— Não sei como explicar isso — objetei — desde que há tanta disponibilidade de meios de calefação".

"— E' que não se pode tolerar que cada qual faça o que lhe convenha e pegue a lenha que queira. Para isso temos o serviço de distribuição para dar a cada um a quantidade que precisa. Está claro que este ano isso não foi possível fazer-se; mas no que vem, quando tudo estiver bem organizado e o serviço de distribuição estiver funcionando normalmente, todo o mundo terá a lenha que precisar. Entretanto é preciso sofrer".

Pelo que parece, ainda hoje, decorridos mais de 40 anos, há muito de desorganização na Rússia, não só no serviço de distribuição de lenha, como

(Conclui na 3.ª pág.)

O LIBERTÁRIO

SÃO PAULO, AGOSTO DE 1962

ANO II — N.º 10

MOVIMENTO OPERÁRIO

A Organização Proletária de Ação Direta

EDGARD LEUENROTH

A organização sindical de resistência dos trabalhadores é um fenômeno imanente da sociedade capitalista, consequência natural da luta social que se manifesta e desenvolve com ou contra a vontade de qualquer partido, como expoente da necessidade irreprimível das vítimas do salariato de solidarizarem para a defesa dos seus direitos vilipendiados pelo patronato.

Essa organização baseia-se no princípio de que o trabalhador se associa pela sua condição de assalariado e não na base dos princípios ou crenças de cada um.

O sindicato não pode deixar de ser organismo de luta permanente contra o patronato e contra o Estado, sendo também um poderoso elemento de educação social dos trabalhadores, pois traz em constante exercício o seu sentimento de solidariedade, mantendo vivo o seu espírito de combatividade e dotando-o de uma concepção de conjunto da obra renovadora da luta sindical, está destinado a ser um valioso elemento amanhã na reconstrução econômica da sociedade, assegurando a viabilidade das concepções libertárias em oposição à toda tendência centralista e autoritária.

Os anarquistas propugnam a organização sindicalista de ação direta organização essa baseada no federalismo libertário, que se articula de baixo para cima, da base para o ápice, da unidade para o todo, do indivíduo para a coletividade, do simples para o composto.

Partindo dos núcleos radicados nos locais de trabalho, vai-se ampliando através dos organismos de bairros, subúrbios, cidades, Estados, regionais e nacionais culminando na internacional. Assegurando a autonomia do indivíduo no sindicato, do sindicato na federação, em seus vários graus, e desta na confederação, que, por sua vez, é autônoma no seio da internacional — americana e mundial — tem a força de sua ação na solidariedade voluntária de seus membros.

Assentada nessas bases fundamentais a organização operária de ação direta articula a sua estruturação com a necessária liberdade de movimentos, repelindo o estorvo do burocratismo e orientando a sua administração da maneira mais simples possível, de forma a servir também de exercício de capacitação associativa, para o que todos os seus mandatos são imperativos e revogáveis, exercidos desinteressadamente salvo casos excepcionais, como um esforço em prol da causa coletiva, que é a causa de cada um de seus membros.

A organização operária sindicalista de ação direta reúne todos os trabalhadores da indústria do comércio, da lavoura, dos meios de transportes, dos centros em que se cuida da saúde, da educação, das artes e diversões, enfim todos os assalariados, todos os elementos que

vivem do ganho de seu trabalho manual ou intelectual, sem explorar o trabalho de ninguém, sem perceber renda de capital acumulado.

Essa organização não admite a intromissão da política partidária nos meios proletários, repelindo o predomínio, a interferência ou a influência de qualquer partido, mesmo que se apresente como proletário, não podendo exercer em seu meio qualquer mandato os dirigentes de partidos políticos ou seitas religiosas, nem quem ocupe cargos políticos ou a eles se faça candidato.

Baseado na lição de um longo período de experiências, feitas em toda parte onde o proletário tem desenvolvido atividade em prol de seus direitos, demonstrando que sua emancipação não pode vir de fora de sua vontade e ação, o sindicalismo de ação direta repele como danosa a delegação de poderes com a participação da organização operária nas disputas político-eleitorais, propugnando, ao contrário, a ação direta como a única eficiente na luta contra o regime burguês, e em a qual nem mesmo as mais insignificantes medidas legais serão aplicadas em favor dos trabalhadores.

Alimentando os laços de solidariedade entre os trabalhadores no ambiente emancipador da atividade de sua organização de luta, fazendo com que repudiem todos os vícios, maus hábitos que os prejudicam moral e fisicamente, bem como todos os preconceitos e superstições, sustentando paralelamente uma permanente obra de educação e instrução, a organização obreira sindicalista de ação direta desperta-lhes o senso de responsabilidade, elevando-lhes o nível dos conhecimentos intelectuais, profissionais e sociais, de maneira a serem todos elementos valiosos no movimento pela emancipação da classe trabalhadora.

A organização operária sindicalista de ação direta tem por fim estreitar os laços de solidariedade entre o proletário, dando mais força e coesão aos seus esforços na luta pela reivindicação de seus direitos morais e materiais, econômicos, profissionais e sociais. Unindo o proletariado para a sua ação de resistência à exploração e opressão patronal, dos elementos e instituições que a sustentam, bem como para a ação em prol da melhoria de sua situação presente, o sindicalismo libertário objetiva a completa emancipação da classe trabalhadora do domínio do capitalismo e do Estado que mantém o regime da exploração do homem pelo homem.

Assim, a organização operária de ação direta tem por finalidade estabelecer uma sociedade baseada no princípio de justiça social, na qual o produto do esforço de todos que trabalham se destina a proporcionar o bem-estar a toda a coletividade produtora.

Baseada em princípios que correspondem à necessidade da união da classe trabalhadora com o respeito da individualidade de seus membros e da autonomia de seus organismos; articulando a sua estruturação sem os entraves do centralismo burocrático e corruptor, o que lhe assegura a precisa elasticidade de movimentos, a organização sindicalista de ação direta proporciona a organização coletiva da sociedade um imenso organismo econômico com a eficiência capaz de assegurar a todos e a cada um dos que trabalham e produzem o bem-estar e a liberdade a que fazem jus, pondo termo ao império da injustiça e estabelecendo o regime da justiça social.

Uma Excelente Reunião Litero - Festiva Literária

Muito acertada foi a iniciativa do Centro de Cultura Social, de São Paulo, de promover periodicamente, em sua sede, reuniões litero-festivas, com o fim de proporcionar momentos de alegre convivência entre as famílias de seus associados e de militantes do movimento libertário, bem como de seus simpatizantes.

A última dessas reuniões, realizada em 26 de junho p.p., foi disso uma cabal demonstração, visto ter sido coroada de pleno êxito, pois o local ficou inteiramente tomado pelas famílias que a ele acorreram, demonstrando o seu apreço pelo interessante programa executado. Sem formalismos, e com a simplicidade do convívio familiar, o ato foi iniciado pelo companheiro Pedro Catalo que, com adequada naturalidade, fez uma proveitosa preleção sobre a finalidade que o Centro de Cultura Social objetiva alcançar com essas reuniões, que, em síntese, é oferecer a oportunidade de reunir, de quando em quando, a família libertária numa convivência amigável, hoje tão necessária para amenizar a absorvente vida nesta triturrante organização burguesa.

Demonstrou o companheiro Catalo a necessidade de ser conseguida a participação permanente da mulher em nosso movimento e, sem prejuízo de suas tarefas domésticas ou profissionais, acompanharem o desenvolvimento dos acontecimentos sociais e de participarem igualmente das atividades em prol de um viver mais consentâneo com os direitos da criatura humana.

A parte litero-festiva também causou geral agrado, constando de declamações, canto e música. Duas jovens cantaram — e muito bem — várias canções; uma galante menina cantou e recitou com muita graça; dois companheiros recitaram em português e espanhol, completando-se o programa com a participação de um conjunto boliviano, que tocou e cantou lindas canções folclóricas, provocando repetidos e merecidos aplausos.

A seguir, foi servido a todos salgadinhos, bôlos, doces, bolinhos e refrigerantes oferecidos pelos participantes da festa, trazendo cada família aquilo que preparara em seus lares.

Enfim, um confortador encontro da família libertária.

AS CONFERENCIAS DO CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Realizou-se no dia 2 de julho p.p. mais uma das conferências que a já antiga agremiação cultural de iniciativa libertária vem realizando há anos, para a difusão de conhecimentos de toda natureza.

Da conferência que motiva esta notícia encarregou-se o sr. Carlos Henke, que discorreu sobre aspectos da vida nos Estados Unidos, por conhecida de viso, por lá ter vivido.

O conferencista descreveu com detalhes o seu grande desenvolvimento técnico, profissional, científico permitindo um notável padrão de vida à maior parte de sua população, aproveitando a oportunidade para fazer um confronto com a situação da Rússia.

Na conferência seguinte, realizada no dia 14 de julho, também na sede social da rua Rubino de Oliveira, 85, foi orador o Sr. José F. Sierra, que discorreu sobre o aspecto social do sindicalismo, despertando geral agrado.

Após a exposição do conferencista e facultada a intervenção da assistência, foi exibido um filme apresentando aspectos da invasão da Hungria pelas tropas bolchevistas da Rússia, por ocasião do levante do povo daquêle país contra a tirania a que se encontrava submetido.

Grande foi a impressão causada na assistência ao presenciarem ao vivo aquele acabrunhante espetáculo da tirania de um imperialismo sanguinário praticado sob a égide de um princípio de justiça social que tartufescamente proclamam os ditadores russos.

O LIBERTÁRIO

Diretor:

PEDRO CATALO

A publicação de "O Libertário" está confiada a uma comissão do jornal, sendo de sua incumbência os trabalhos de redação, administração e divulgação. Indica-se o nome do diretor por exigências de formalidades legais.

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada EXCLUSIVAMENTE para a CAIXA POSTAL 5739 — São Paulo, em nome do diretor.

Redação e Administração: Rua Rubino de Oliveira N.º 85 São Paulo

Assinatura Anual, Cr\$ 100,00 Número avulso, Cr\$ 10,00